

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DO FALSO BARBATIMÃO (*Dimorphandra mollis*
Benth, Leguminosae - Caesalpinoideae) NA COMUNIDADE DE SALOBRA
GRANDE, PORTO ESTRELA, MT**

Karolina Ascari de Souza¹
Nadia Botini¹
Camila Aparecida Antoniazzi¹
Camila Filipin Chaves¹
Rogério Benedito Añez²

RESUMO: O Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil, detentor de uma grande diversidade biológica, considerado o mais diverso em espécies vegetais do mundo. Com o aumento populacional o Cerrado vem sendo ocupado intensivamente, com isso algumas espécies de plantas nativas estão ameaçadas de extinção. Sendo assim, muitas plantas tidas como medicinal não estarão disponíveis para estudos futuros, por exemplo, o falso barbatimão. *Dimorphandra mollis* é uma espécie arbórea pertencente à família Leguminosae. Tida como medicinal, a casca é utilizada como cicatrizante e anti-inflamatório. O uso de plantas medicinais é uma das práticas mais antigas da humanidade, sendo o saber popular passado de geração em geração. A coleta de dados realizou-se no mês de abril de 2013 na comunidade de Salobra Grande. Foram realizadas entrevistas com questionário pré-estabelecido de perguntas abertas e semi-estruturadas para identificar o perfil dos entrevistados e dados relativos à planta. Os informantes na maioria são mulheres idosas, nascidas na própria comunidade, que adquiriram seu conhecimento sobre plantas medicinais através de seus parentes. A casca do falso barbatimão é utilizada no preparo de chás e soluções na cura de inflamações, infecções, lavagem de feridas, banhos de assento, etc.

Palavras-chave: Cerrado, plantas medicinais, Comunidades tradicionais.

**ETHNOBOTANICAL STUDY OF FALSO BARBATIMÃO (*Dimorphandra mollis*
Benth, Leguminosae - Caesalpinoideae) IN THE COMMUNITY SALOBRA
GRANDE, PORTO ESTRELA, MT**

ABSTRACT: The Cerrado is the second largest biome in Brazil, which holds a great biological diversity, considered to be more diverse in plant species of the world. With increasing population the Cerrado has been occupied intensively, with it some native plant species are threatened with extinction. Thus, many medicinal plants regarded as not available for future studies, for example, the false barbatimão. *Dimorphandra mollis* tree species belonging to the family Leguminosae. Taken as medicine, the bark is used as a healing and anti-inflammatory. The use of medicinal plants is one of the oldest practices of mankind, being popular knowledge passed from generation to generation. With all the questions about the proper use of medicinal plants researchers should concern themselves with studies demonstrating the active principles of medicinal plants ensuring efficacy and safety in treatment. Data collection took place in April 2013 in the community of Salobra Grande. Interviews were conducted with pre-established questionnaire open-ended questions and semi-structured to identify the profile of the respondents and data relating to the plant. Informants are mostly elderly women, born in the community, who have acquired their knowledge of medicinal plants through their relatives. The bark false barbatimão is used in the preparation of teas and remedies in curing inflammations, infections, wash wounds, sitz baths, etc.

Keywords: Cerrado, Medicinal Plants, Traditional communities.

¹Graduadas em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra - MT, Brasil. kaaso@hotmail.com; nadia_botini@hotmail.com; caaazzi@hotmail.com; cachaves@gmail.com

²Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Ciências Biológicas, Campus de Tangará da Serra - MT, Brasil. rbanez@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, com cerca de 204 milhões de hectares, o que corresponde a 24% do território nacional (IBGE, 2004), apontado como detentor de uma grande diversidade biológica sendo a formação savânica com maior diversidade vegetal do mundo (GUARIM NETO, MORAIS, 2003).

Segundo (RATTER *et al.*, 1997), o desconhecimento da diversidade do Cerrado é alarmante, pois, estima-se que 40% do bioma já tenha sido devastado, pode-se considerar que os recursos naturais, existentes nele, entre esses as plantas medicinais, que uma vez extintas, não estarão mais disponíveis às futuras gerações.

A exploração de algumas espécies do cerrado tem ocasionado o extrativismo predatório pela indústria farmacêutica, ocasionando assim o risco de extinção de variadas espécies de plantas medicinais, entre elas o falso barbatimão, espécie pertencente à família Leguminosae, que em alguns estados, principalmente em Minas Gerais, vem sendo explorado em ritmo acelerado necessitando de medidas para a conservação da espécie (MENDES *et al.*, 2005).

Segundo (GUARIM NETO, MORAIS, 2003) apontam o Cerrado como maior detentor de diversidade biológica, sua flora é considerada a mais rica do mundo, porém é pouco conhecida e existe carência de estudos na identificação de espécies do cerrado.

A família Leguminosae, destaca-se pela importância ecológica e econômica (LEWIS *et al.*, 2005), subdividida em três subfamílias Caesalpinoideae, Mimosoideae e Papilionoideae, representa 15,5% do número de espécies botânicas já citadas. Sendo a família com maior número de espécies em todo Cerrado (MENDONÇA *et al.*, 1998).

Dimorphandra mollis Benth pertencente à Leguminosae- Caesalpinoideae (Barroso *et al.*, 1999), é conhecida popularmente como falso-barbatimão, faveiro, barbatimão de folha miúda, etc., ocorre nos Estados do Pará, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul (LORENZI, 1992; ALMEIDA *et al.*, 1998).

O falso barbatimão é uma planta decídua, heliófita, pioneira, seletiva xerófila, característica do Cerrado *Sensu Stricto* e Campo Cerrado. Ocorre preferencialmente em terrenos altos e bem drenados, geralmente em moderada densidade populacional (LORENZI, 1992).

Incluída como medicinal em comunidades tradicionais é utilizada como cicatrizante e anti-inflamatório (ALMEIDA *et al.*, 1998). A propriedade anti-inflamatória se deve principalmente ao fato de que a composição química das cascas dos frutos de *D. mollis* ser representada basicamente por flavonóides sendo extraídas principalmente rutina e quercetina.

O uso popular de plantas medicinais no tratamento para cura e prevenção de doenças é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade (FRANCO, 2005). Em populações rurais o conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é vasto, podendo ser o único recurso terapêutico disponível (PASA, *et al.*, 2005).

Sendo assim, o estudo que permite relacionar o conhecimento de determinada comunidade sobre o uso de plantas medicinais é a etnobotânica, tendo como objetivo resgatar o saber botânico tradicional (AMOROZO, 1996).

O saber popular quanto ao uso das plantas medicinais é evidenciado em conversas com as pessoas idosas (raizeiros, benzedeadas e donas de casa) que por alguns motivos carregam essas informações, recebidas dos seus ancestrais (PASA, 2011).

Através dessas informações é possível saber o potencial da flora medicinal Mato-grossense e contribuir na discussão do uso e da manutenção da biodiversidade.

Diante disso, o presente estudo teve por objetivo realizar estudos etnobotânicos do falso barbatimão (*Dimorphandra mollis* Benth – Leguminosae), tida como medicinal na comunidade de Salobra Grande localizada no município de Porto Estrela - MT.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado na comunidade de Salobra Grande, distrito de Porto Estrela – MT, sua área está localizada na latitude 15°37'37.85" S e longitude 57°15'04.45" O, como mostra a Figura 1. Situa-se próxima a Estação Ecológica da Serra das Araras (EESA), esta Estação é uma unidade de Conservação Federal coberta por uma variedade de fitofisionomias, com predominância do Cerrado sensu stricto que cobre cerca de 50% da estação (GONÇALVES *et al.*, 2004).

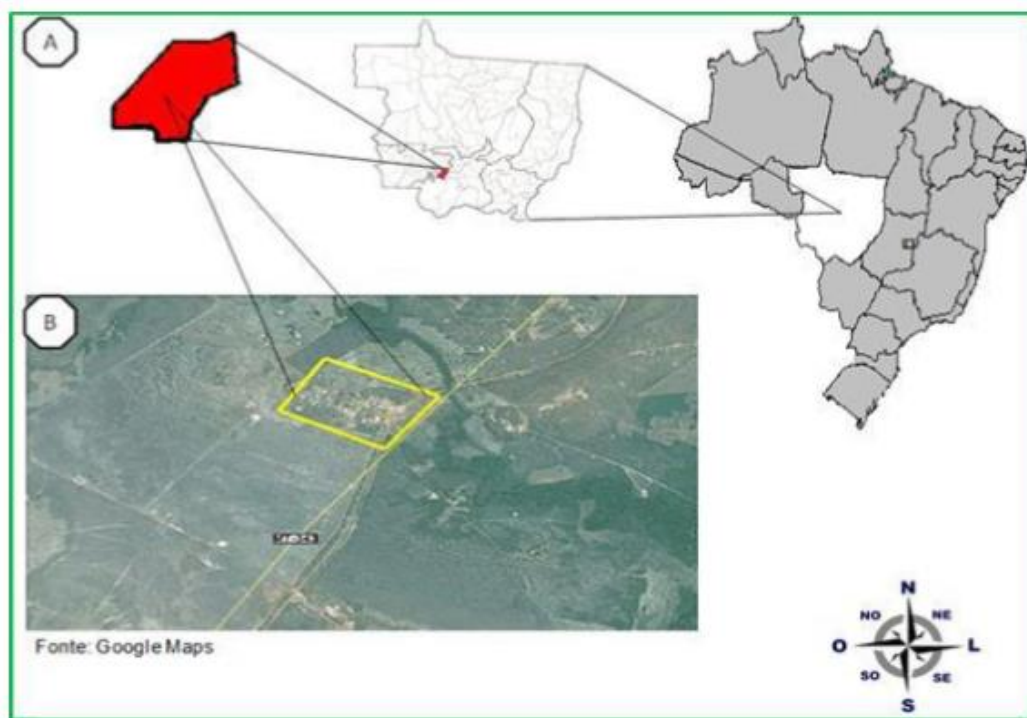


Figura 1. Área de estudo. (A) Município de Porto Estrela – MT. (B) Localização da comunidade de Salobra Grande. Fonte: Evio Ferraz Neto, 2011.

Os dados foram coletados no mês de abril de 2013 na comunidade de Salobra Grande. A pesquisa foi acompanhada, inicialmente, de um morador tradicional que indicou as pessoas que utilizavam e indicavam espécies vegetais para fins medicinais, facilitando o acesso do pesquisador as residências. Estas pessoas, na maioria os mais velhos, foram convidadas a participar das entrevistas sendo questionadas quanto ao uso do falso barbatimão (*Dimorphandra mollis*), que foi o objeto desta pesquisa. Após a indicação, iniciou-se a pesquisa de campo através de um questionário pré estabelecido com perguntas abertas e semi-estruturadas.

Com o objetivo de identificar o perfil dos entrevistados, dados relativos à planta em estudo, sua forma de utilização e finalidade de uso.

Segundo (SILVA, 2010), entrevistas semi-estruturadas permitem um diálogo que colabora para uma maior obtenção de dados de uma forma mais frágil. Foram realizadas 13 entrevistas com moradores de ambos os sexos que costumam fazer uso de plantas medicinais no seu cotidiano. Quando autorizado, foi feito o registro fotográfico do local

da entrevista e do entrevistado e em alguns casos utilizou-se um gravador para registrar as conversas (Figura 3).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 13 informantes, sendo que destes 62% do sexo feminino e 38% do sexo masculino (Figura 2-A). Segundo (PASA, 2011) a maior prevalência do gênero feminino na pesquisa se deve ao fato de que quase sempre as mulheres estão diretamente envolvidas no tratamento dos filhos e maridos, por isso, possuem maior conhecimento quanto ao uso de plantas medicinais.

O maior número de informantes do sexo feminino pode estar relacionado ao fato de que as entrevistas foram realizadas no período matutino, no qual a maioria das mulheres se encontra em casa realizando os trabalhos domésticos, enquanto os homens trabalham fora.

De acordo com a faixa etária dos entrevistados, a média de idade é de 62 anos, variando entre 41 e 77 anos, sendo que 23% se enquadram na faixa etária entre 40 – 50 anos e 77% encontram-se entre 50 – 80 anos (Figura 2-B), corroborando com os resultados do trabalho de Souza et al (2007) que apontaram a maior concentração de conhecimento etnobotânico no habitantes na faixa de 51 a 80 anos de idade, sendo esse conhecimento transmitido para a faixa etária mais baixa.

O saber popular quanto ao uso das plantas medicinais para tratamento de diferentes males é evidenciado em conversas com as pessoas idosas (inserindo aí os raizeiros, benzedeiros e donas de casa, sendo que a maioria são mulheres) que por alguns motivos carregam essas informações, recebidas dos seus ancestrais (PASA, 2011). O tempo de moradia na comunidade variou de 4 a 77 anos, sendo que desses 38% dos entrevistados vivem a menos de 45 anos na região e 62% há 45 anos ou mais (Figura 2-C).

Segundo (ARAÚJO, 2009) o tempo de permanência no local influencia o nível de conhecimento de uma comunidade sobre o meio. Todos os entrevistados são naturais do estado de Mato Grosso, sendo que 84% nasceram na região, 8% em Poconé e 8% em Rondonópolis (Figura 2-D).

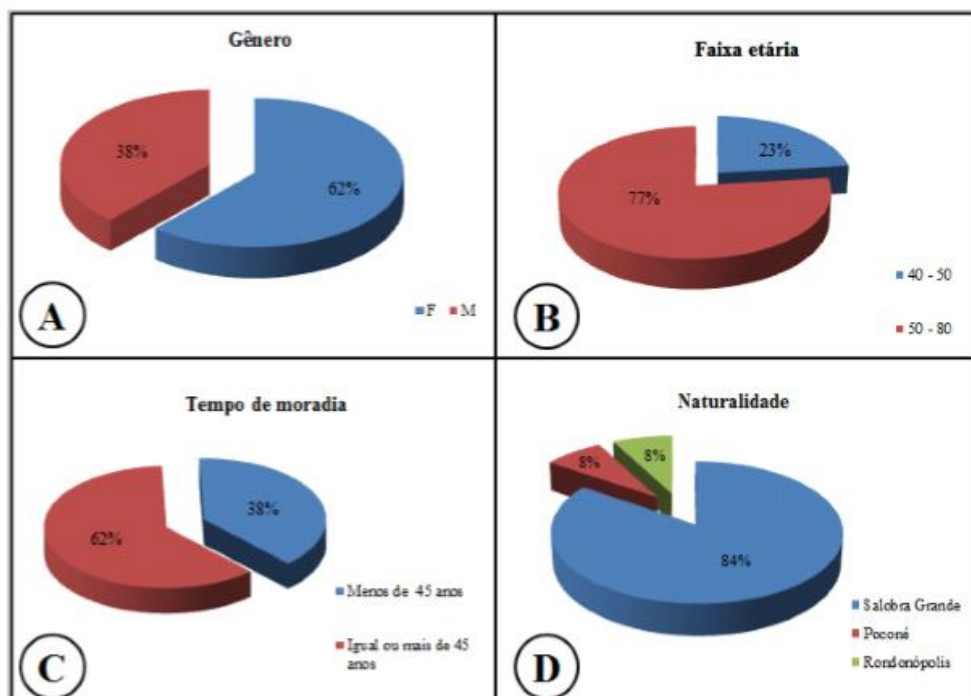


Figura 2. Dados da coleta etnobotânica, perfil socioeconômico. A) Distribuição dos 13 entrevistados segundo o gênero, na comunidade de Salobra Grande, Porto Estrela – MT. B) Faixa etária dos entrevistados da comunidade. C) Tempo de moradia dos entrevistados na comunidade D) Naturalidade dos entrevistados da Comunidade.

A maioria dos entrevistados afirmou que os conhecimentos adquiridos sobre o uso de plantas medicinais foram através dos pais e parentes, mostrando que o saber foi transmitido predominantemente no meio familiar (Figura 3-A).

Segundo (PASA, BASTOS, 2010) crianças e adolescentes acompanham os mais velhos nas tarefas cotidianas e, então, o saber tradicional é compartilhado dentro dessa cultura e transmitido de geração em geração, adquirindo o teórico e o prático. Isso foi constatado na pesquisa quando a maioria dos entrevistados relatou o interesse dos mais jovens pelos conhecimentos e experiências dos mais velhos:

“...Ensinei eles fazê e ai sempre eles vem intrás de eu memo pra faze, né. Quando eles querem um xarope, uma garrafada eles memo vem pedi pra mim memo fazê pra eles toma..., eles são interessado e quando eles tão precisano eles vem...”. (E. C. A., 62 anos, comunidade Salobra Grande, Porto Estrela, MT, 2013).

“... bem quando eu saio cum eles po mato, eu já saio indicando, ó, esse aqui é tar pranta, esse aqui é tar pranta, é assim né, é porque assim que minha mãe fazia cum nós quando saia já saia mostrano...”. (P. L. A., 64 anos comunidade Salobra Grande, Porto Estrela, MT, 2013).

Segundo a afirmação de (CABALLERO, 1998) é que muitas vezes o conhecimento etnobotânico quebra barreiras interculturais. Isso é notado pelos relatos de diferentes informantes:

“Aprendi isso com as pessoas da comunidade quando cheguei aqui” (M. F. S., 41 anos) ou ainda “aprendi com o pessoal da Pastoral da Criança que deu curso aqui” (A. C. C. C., 73 anos, comunidade Salobra Grande, Porto Estrela, MT, 2013).

Segundo (AÑEZ, 2009) estudos sobre plantas medicinais são importantes, pois através do conhecimento da cultura de um povo, novos conhecimentos são gerados. O uso popular de plantas medicinais no tratamento para cura e prevenção de doenças é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade (FRANCO, 2005).

No Brasil, a utilização de plantas medicinais pela população para tratar enfermidades foi sempre expressiva, principalmente devido à extensa e diversificada flora. A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2002, passou a reconhecer a fitoterapia como terapia alternativa no tratamento de algumas doenças humanas (SANTOS *et al.*, 2009).

O conhecimento em relação ao uso de plantas medicinais em comunidades rurais é vasto, pois muitas vezes esse pode ser o único recurso terapêutico disponível. (PASA, *et al.*, 2005). Ainda hoje em diversas regiões do país, principalmente nas mais pobres, plantas medicinais são encontradas em quintais de residências ou até mesmo comercializadas em feiras e mercados populares (PASA, BASTOS, 2010).

Em relação à autodenominação do uso do falso barbatimão (*Dimorphandra mollis*), a maioria dos entrevistados utiliza a casca como a parte medicinal da planta para diversos tipos de enfermidades (Figura 3-B).

No presente trabalho o falso barbatimão foi citado como cicatrizante, que provoca contrações uterinas, é adstringente e tóxico em altas doses. Trabalhos de (VILA VERDE *et al.*, 2003), indicaram a espécie como anti - hemorrágico, mostrando resultados diferentes aos do presente trabalho.

Segundo (MARTINS *et al.*, 2007) a casca de *Dimorphandra mollis* (falso barbatimão) apresenta alto teor de taninos, que são utilizados no combate a diarreia, hipertensão arterial, reumatismo, hemorragias, feridas queimaduras, problemas renais e processos inflamatórios em geral.

Na comunidade de Salobra Grande a casca do falso barbatimão é utilizada no preparo de chás usados para inflamações, infecções, úlcera e dor no estômago e soluções usadas para lavar feridas e fazer banhos de assento. A quantidade de água que cada informante usa para preparar os chás varia entre um e dois litros. Em relação à dosagem de chá ingerida por dia, 39% informou que toma de uma a três vezes ao dia durante uma semana, 23% afirmaram tomar durante o dia todo até melhorar os sintomas, não mantendo uma dosagem certa e 38% nunca utilizaram a planta (Figura 3-C).

Em relação ao tempo de duração do uso dos medicamentos, 39% dos informantes afirmaram utiliza-los durante uma semana, 23% dos entrevistados utilizam o medicamento até obter melhoras e 38% nunca utilizaram a planta (Figura 3-D). As formas de escolha, indicação, preparação e uso das plantas medicinais são distintos entre os profissionais de saúde e a população tradicional.

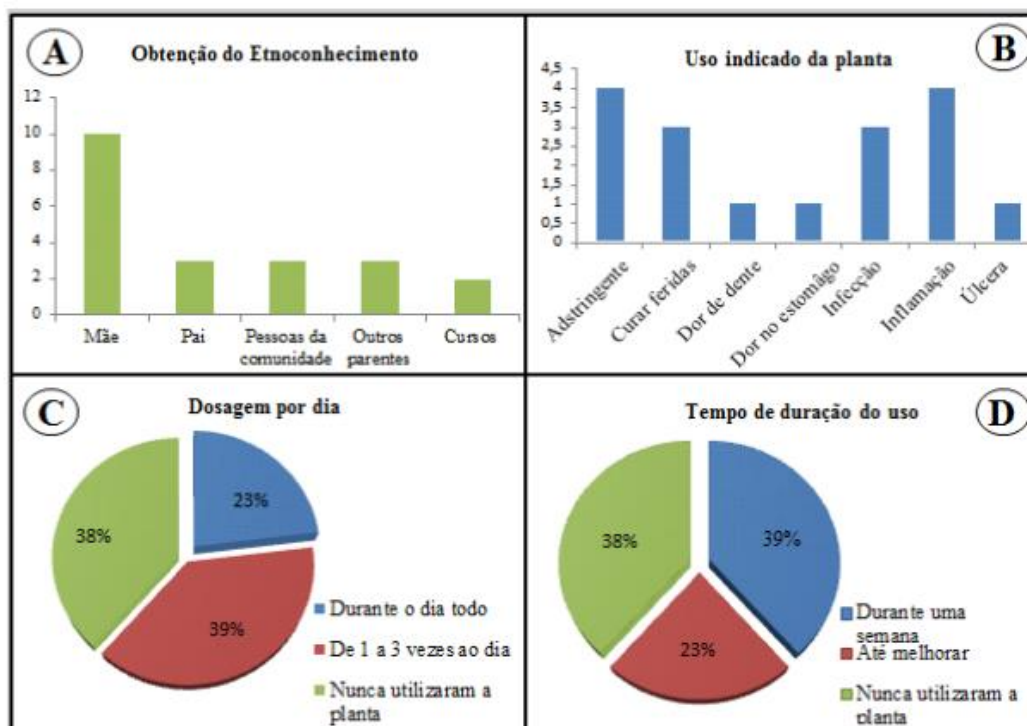


Figura 3. Dados da coleta etnobotânica referente à espécie *Dimorphandra mollis*. A) Origem do conhecimento sobre plantas medicinais pelos moradores da comunidade de Salobra Grande, Porto Estrela, MT. B) Uso do falso barbatimão pelos entrevistados da comunidade. C) Dosagem de chá ingerida por dia pelos entrevistados da comunidade. D) Tempo de duração do uso de chás feitos com a casca do falso barbatimão pelos moradores da comunidade.

A população, por outro lado, utiliza os critérios da tradição; da experiência individual e da crença (ARAÚJO, 2009). Dentre os entrevistados três disseram utilizar a casca da planta no preparo de garrafadas juntamente com outras espécies de plantas medicinais, dentre elas foram citadas, arnica, casca de jequitibá, paratudo (ipê), romã, quina e mangava brava.

Todos os informantes alegaram nunca utilizar os chás juntamente com medicamentos receitados pelos médicos. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2010) não é recomendável que se tome medicamentos com chás ou outros produtos à base de plantas medicinais, porque podem causar problemas sérios para o seu organismo.

Além disso, os chás em geral diminuem os movimentos do estômago, o que pode interferir no processo de absorção do remédio ou diminuir a atividade do medicamento. Os resultados obtidos na pesquisa em relação aos efeitos colaterais causados pelo uso dos remédios feitos com o falso barbatimão apontou que os entrevistados nunca perceberam nenhum efeito adverso causado pelo uso do remédio e informaram que indicam o uso desses para todas as faixas etárias, porém, em doses mais baixas para crianças.

“Tudo em exagero pode fazê mal” (A. I. C., 61 anos, comunidade Salobra Grande, Porto Estrela – MT, 2013).

“Todo remédio tem que ter controle” (R. D. C. C., 42 anos, comunidade Salobra Grande, Porto Estrela – MT, 2013).

“... desde que não usa por exagero, porque eu mesmo sô muito exagerada, quanto eu tô passando mal que eu quero que já fica boa de uma hora pra outra costume fazê os trem muito forte e diz que não é assim né, agente tem que ter o controle...” (M. C. S.; 46 anos, comunidade Salobra Grande, Porto Estrela – MT).

O consumo de medicamentos fitoterápicos, bem como de plantas medicinais in natura, tem sido estimulado com base no mito “se é natural não faz mal”. Porém, ao contrário da crença popular, eles podem causar diversas reações como intoxicações, enjoos, irritações, edemas (inchaços) e até a morte, como qualquer outro medicamento (ANVISA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu identificar que os moradores da comunidade Salobra Grande, na maioria mulheres, são detentoras do saber popular e utilizam o falso barbatimão tendo vasto conhecimento etnobotânico em relação ao preparo do medicamento e propriedades de cura do mesmo.

É importante a realização dos estudos etnobotânicos pela necessidade de relatar esse etnoconhecimento para que se perpetue nas gerações futuras, evitando a perda dos saberes tradicionais da comunidade. Ficou claro que o uso de plantas medicinais é frequente devido a tradição familiar, onde os pais transmite aos filhos seus costumes e ensinamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S.P.; PROENÇA, C. E. B.; SANO S. M.; RIBEIRO, J. F.; **Cerrado: espécies vegetais úteis**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. 464p.

AMOROZO, M. C. M. **Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar**. Ed. UNESP, p. 47-68. São Paulo, 1996.

AÑEZ, R. B. S. **Análise morfoanatômica das folhas e casca de *Aspidosperma nitidum* Benth e *Aspidosperma marcgravianum* Woodson (Apocynaceae) com abordagem farmacognóstica etnofarmacológica**. Tese (Doutorado) INPA/UFAM, 2009.

ANVISA – Agencia Nacional de Vigilância Sanitária. **O que devemos saber sobre medicamentos**. Brasilia – DF, 2010.

ARAUJO, M. M.; **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais no assentamento Santo Antônio, Cajazeiras, PB, Brasil**. 130p. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Ciências Florestais e Ambientais) - Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2009.

CABALLERO, J. **La Etnobotânica**. In: BARRERA. (Ed.); *La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva*. Xalapa: Instituto de Investigación sobre Recursos Bióticos, p. 27-30, 1979.

FRANCO, E. A. P.; **A diversidade etnobotânica no quilombo Olho d'água dos Pires, Esperantina, Piauí, Brasil.** 104p. Dissertação (Mestrado - Área de concentração em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - PRODEMA, Universidade Federal de Piauí, Teresina, 2005.

GONÇALVES, E.; GREGORIN, R. Quirópteros da Estação Ecológica da Serra das Araras, Mato Grosso, Brasil, com p primeiro registro de *Artibeus gnomus* e *A. anderseni* para o cerrado. **Lundiana**, v. 5 n. 2, p. 143-149, 2004.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 561-584, 2003.

IBGE. **Mapa de biomas do Brasil.** Disponível em: <ftp://geofp.ibge.gov.br/mapas_tematicos/mapas_murais/biomas.pdf>. Acesso em: 04/06/2013.

LEWIS, G.; SCHRIRE, B.; MACKINDER, B.; LOCK, M. **Legumes of the World.** Royal Botanic Gardens, Kew, 2005. 577p.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas nativas do Brasil.** Nova Odessa: Plantarum, 1992. 352p.

MARTINS, L. V.; MARTINS, G. T.; OLIVEIRA, D. A.; PIMENTA, M. A. S. **Prospecção Fitoquímica preliminar de *Dimorphandra mollis* Benth. (Fabaceae – Mimosoideae).** Revista Brasileira de Biociências, v. 5, n. 2, p. 828-830, jul., 2007.

MENDES, A. D. R.; MARTINS, E. R.; FERNANDES, L. A.; MARQUES, C. C. L. Produção de biomassa e de flavonóides totais por fava d'anta (*Dimorphandra mollis* Benth.) no norte de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 7, n. 2, p. 7-11, 2005.

MENDONÇA, R. C.; FELFILI, J. M.; WALTER, B. M. T.; SILVA JÚNIOR, M. C.; REZENDE, A. V.; FILGUEIRAS T. S. & NOGUEIRA, P. E. 1998. Flora Vascular do Cerrado, p. 287-556. In: S. M. SANO & S. P. ALMEIDA (eds.). **Cerrado: ambiente e flora.** Embrapa Cerrados, Planaltina.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005.** Genebra: OMS, 2002.

PASA, M. C. O saber local e a medicina popular: A etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 6, n. 1, p. 179-196, jan./abr. 2011.

PASA, M. C.; BASTOS, E. A. S. A etnobiologia no fragmento florestal Recanto do Sol, Campo Verde, Mato Grosso. In: SANTOS, J. W. M. C. (Org.). **Produção do espaço e transformações socioambientais das paisagens do Mato Grosso.** Cuiabá: EDUFMT, p. 60-82, 2010.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico da comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

RATTER, J. A.; RIBEIRO, J. F.; BRIDGEWATER, S. The Brazilian Cerrado vegetation and threats to its biodiversity. **Annals of Botany**, Oxford, v. 80, p. 223-230, 1997.

SANTOS, E. B.; DANTAS, G. S.; SANTOS, H. B.; DINIZ, M. F. F. M.; SAMPAIO, F. C.; Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1, p. 321-324, jan./mar. 2009.

SILVA, P. S. da; MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. de. **Métodos quantitativos em etnobotânica: análise de documento e aplicação de técnicas**. In: X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX 2010- UFRPE. 18 a 22 de outubro, 2010.

VILA VERDE, G. M.; PAULA, J. R.; CANEIRO, D. M., Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 13, p. 64-66, 2003.